

Funaro diz que europeus entendem posição do Brasil

Araújo Netto

Correspondente

Arquivo — 1/3/87



Funaro sabe hoje se prolonga a atual viagem até o Japão

Roma — Ao desembarcar ontem à noite em Roma, o ministro da Fazenda, Dilson Funaro, fez uma minuciosa exposição a respeito dos encontros que teve em Bonn e Berna. Declarando-se plenamente satisfeito com a receptividade e a compreensão que recebeu anteontem e ontem nos prolongados colóquios que manteve com os ministros das Finanças e da Economia da Alemanha Ocidental e da Suíça, Funaro disse aos jornalistas que o esperavam no Aeroporto de Fiumicino:

— Na Alemanha Federal estive cerca de quatro horas com o ministro das Finanças, Gerhard Stttemberg. Com ele, pudemos conversar longamente e explicar outra vez a decisão brasileira de suspender o pagamento dos juros. Conversamos também sobre todo o processo de criação dos mecanismos que deverão ser estudados para permitir um sistema relativamente automático do pagamento das dívidas. Mostramos novamente o esforço que o Brasil tem feito, esforço que nos levou a pagar muito a receber muito pouco. Não deixamos de salientar a importância do crescimento brasileiro, principalmente para nações como a França e a Alemanha Ocidental com as quais o Brasil tem alguns acordos de tecnologia nuclear e para construção de aeroportos, que criaram vários interesses comuns entre nós.

Sem qualquer hesitação, Funaro considerou França, Alemanha e Suíça três países que entenderam muito bem o problema brasileiro. Disse mais, que até agora não foram as primeiras nem as únicas: “Nos Estados Unidos também tivemos a mesma compreensão. Em todos os nossos contatos, podemos dizer que tivemos mais do que a compreensão de quem nos recebeu e ouviu. Nos franceses, alemães, suíços e americanos verifiquei ainda a disposição de discutir em profundidade o problema brasileiro. Acho que o objetivo do presidente Sarney de discutir politicamente a dívida está sendo atingido. Por onde temos passado, temos visto que toda a imprensa tem registrado essa discussão num outro nível. Não no nível do dia seguinte, mas naquele que acolhe e abrange as teses brasileiras”.

Bom amigo

Funaro disse ainda que não teve qualquer surpresa com proveitosas e positivas quatro horas de conversa que teve — num jantar e numa reunião de trabalho — com o ministro das Finanças da Alemanha Ocidental, Stttemberg.

— O ministro Stttemberg — disse Funaro — é um dos bons amigos que fizemos em um ano e meio de convivência que temos tido nas reuniões de que participamos. Sempre demonstrou a maior compreensão para com o Brasil. Deveria nos fazer uma visita em fevereiro ou neste mês, mas teve que adiar um pouco. É um homem profundamente

preocupado com os problemas do Terceiro Mundo e dos países em desenvolvimento. No caso específico do Brasil, é um homem que, em todas as reuniões que eu o encontro, tem passado horas e horas conversando sobre a questão do nosso desenvolvimento. Vejo e aponto no ministro Stttemberg um grande lutador contra o protecionismo, portanto um ministro que contribui para aproximar a tese da Alemanha à do Brasil.

Sempre falando com entusiasmo de seu encontro com o ministro alemão, Funaro disse que Stttemberg é um dos governantes europeus que mais concorrem para preservar uma taxa mínima do crescimento brasileiro.

— Ele até se admira quando — prosseguiu Funaro — nós verificamos o que aconteceu em 82 e 83. Uma firme convicção de Stttemberg é a de que a recessão não é o caminho que pode unir as nações.

Sobre o nível de detalhes a que tinha chegado na discussão dos mecanismos automáticos para o pagamento das dívidas, o ministro Funaro admitiu que continuam existindo algumas divergências, coisa que lhe parece quase inevitável.

— Porque nesta viagem e em todos os encontros que temos tido, estamos colocando a tese de que precisamos reestudar os atuais mecanismos. Para convencer nossos interlocutores da conveniência e das vantagens das soluções automáticas, temos enfrentado alguns problemas. Primeiro, porque a negociação para os pagamentos sempre foi feita caso a caso. Nós sustentamos que deve continuar sendo assim, caso a caso. A própria questão da criação de um automatismo depende de cada caso. Não nos parece realista pretender o mesmo tratamento e o mesmo mecanismo para as economias que já provaram sua viabilidade e para economias que mostram uma determinada fragilidade. No caso brasileiro, a potencialidade brasileira, e mais do que isso, a idéia do presidente Sarney de fazer um

plano para quatro anos, de não deixar que as nações, entre elas o próprio Brasil, vivam uma crise a cada seis meses ou um ano, no momento da negociação com os banqueiros e com os governos, é uma idéia que visa principalmente a uma estabilidade que interessa a todos. Uma nação como o Brasil — e esta é a convicção e a vontade do presidente Sarney — não pode ficar sujeita a ter que discutir uma vez por ano ou de seis em seis meses com os banqueiros, dependendo de um processo que propõe sempre uma dúvida sobre a negociação: se ela pode ou não prosseguir. Isso atrapalha muitos investidores no Brasil, atrapalha o próprio país.

FMI

Sobre o que vem dizendo a propósito das relações do Brasil com o FMI, Funaro reafirmou: — Temos deixado muito claro a todos os que nos ouvem que o tipo de entendimento que mantemos com o Fundo Monetário Internacional é o estatutário. Baseado no artigo quarto, que manda uma missão anual para registrar a economia brasileira e faz refletir os números brasileiros a todos os outros países e aos bancos.

O ministro Funaro falou também sobre a situação dos depósitos a curto prazo dos bancos brasileiros no exterior. Informou que neste momento a situação é de grande calma, inclusive porque todos os contratos foram renovados. Os únicos casos foram criados por um ou dois bancos pequenos, mas hoje poderiam se considerar casos contornados. “Até porque”, disse Funaro, “todos entendem muito bem que essa discussão precisa ter um objetivo, maior, que é o de dar estabilidade ao Brasil e ao sistema financeiro.”

Sobre a exceção constituída pelo resultado negativo da sua missão em Londres, Dilson Funaro comentou: “Até agora não me refiz da surpresa que Londres nos reservou. A reunião que tivemos com o ministro inglês tinha sido muito boa e devo dizer que continuo a não entender a nota do ministro Larson. Porque na nossa conversa ficou muito clara a questão do FMI, como ficou muito clara a nossa proposta de criação de mecanismos de financiamentos. O ministro inglês parecia ter entendido muito bem todas as nossas colocações. Prefiro achar que a nota divulgada depois da reunião não foi dada pelo ministro, mas por um porta-voz”.

Ontem em Berna, capital da Suíça, o ministro Funaro encontrou os ministros da Economia, das Finanças e o presidente do Banco Central. Depois de todos esses encontros, que terminaram na mesa de almoço, o ministro brasileiro saiu com a convicção de que a Suíça é mais uma nação que compreende muito bem o problema brasileiro.

— Numa entrevista coletiva de que participamos ontem à tarde, pude ver que a imprensa suíça está muito voltada e propensa a discutir as teses brasileiras — disse ainda o ministro Funaro, que continua esperando hoje uma resposta à consulta que fez ao ministro das Finanças do Japão sobre a possibilidade de ser recebido por ele na próxima segunda-feira.

Se a resposta japonesa for positiva, hoje mesmo o ministro Dilson Funaro embarcará para Tóquio. Caso contrário o voo que fará hoje será o retorno a Brasília.